

Redator-chefe do "Le Monde" acha absurda obrigatoriedade do diploma

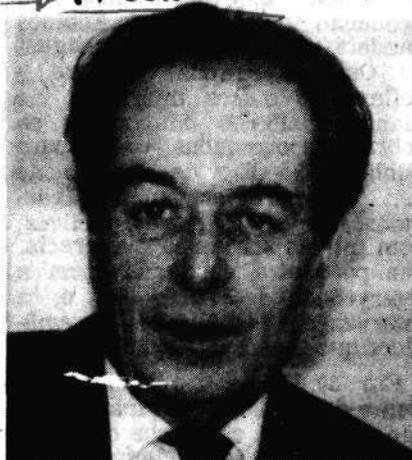
Especial para a Folha

17 JUN 1986

Boque de Dados - 09. Mar. 85

"Se o diploma fosse obrigatório, teríamos que fechar as portas", afirmou André Fontaine, 64, redator-chefe do jornal francês "Le Monde", ao comentar a existência da obrigatoriedade de diploma universitário específico para o exercício da profissão de jornalista no Brasil. No dia 1º de abril passado, o subcomitê sobre Direitos da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais votou resolução propondo o fim da exigência do diploma para o exercício do jornalismo no país. Na França, não existe a obrigatoriedade do diploma, que Fontaine considera totalmente absurda. "Eu não tenho diploma mas acho que fiz uma carreira razoável", acrescentou com ironia o redator-chefe do "Le Monde", considerado um dos mais respeitados jornalistas franceses.

"Nunca senti falta de uma formação teórica" para o exercício do jornalismo, disse Fontaine, que tem quarenta anos de prática profissional, marcados pela sucessão de "furos" —no jargão jornalístico, in-



André Fontaine, do "Le Monde"

formação importante obtida e divulgada por apenas um órgão de comunicação— e entrevistas exclusivas. Para André Fontaine, o diploma universitário de jornalista não é indispensável, embora apresente vantagens: 1) a escola opera uma pré-seleção. 2) ensina a técnica,

economizando tempo e dinheiro aos jornais. "Mas a escola apresenta também desvantagens, pois forma profissionais teóricos e superficiais", diz o redator-chefe do "Le Monde", acrescentando que prefere os jornalistas de talento nato com experiência em outros setores.

Atualmente Na França, os grandes jornais parisienses contam apenas um terço de jornalistas diplomados, para um terço de universitários formados em outras áreas e um terço de profissionais não diplomados. A maioria dos jornalistas jovens passou por uma das quatro faculdades existentes no país, pelo Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Jornalistas (CFPJ) ou pela Escola de Lille.

A situação no "Le Monde" é um pouco diferente, pois o jornal tem por hábito contratar grandes nomes. A proporção de diplomados em jornalismo é mínima. Os grandes nomes do "Le Monde" vêm das faculdades de Ciência Política, Sociologia e Economia, como Alain Vernholes, Bruno de Thomas, Claude Sarraute e Charles Vanhecke, o correspondente no Brasil. (Milton Blay, de Paris)

Antônio Callado acha exigência dispensável

Da Reportagem Local

O escritor e jornalista Antônio Callado, 69, disse em entrevista à Folha que considera "absolutamente dispensável" a exigência do diploma universitário específico para o exercício da profissão de jornalista. Para o escritor, a formação e o aperfeiçoamento do jornalista "vão se desenvolvendo à medida em que ele trabalha", e a obrigatoriedade impede que pessoas "com boa cultura, boa formação e até grande talento, egressas de outras áreas, como a História ou a Filosofia, por exemplo", possam trabalhar no setor.

Callado, que iniciou sua atividade como jornalista no "Correio da Manhã", em outubro de 1937 ("Meu curso de jornalismo foi o Estado Novo", afirma), disse também não ser contra os cursos de Jornalismo: "As faculdades de Jornalismo ensinam coisas boas, e estão aí para

serem frequentadas. Estudando Jornalismo pode-se adquirir um conhecimento teórico muito interessante, e eu conheço pessoas que ensinam Jornalismo e são da maior competência". O escritor disse, porém, que "precisamos parar com essa coisa de, no Brasil, tornar tudo obrigatório. O problema não é o diploma, é a exigência do diploma". Para Callado, "as empresas devem ter a liberdade de julgar a capacitação das pessoas".

A cientista política e professora da Faculdade de Educação da USP Maria Victória Benevides, 43, disse que "a exclusividade (do diplomado em Comunicações) não se justifica para uma atividade voltada à comunicação social". Alegando não ter uma posição definida, considerou que, "de todas as opiniões" contrárias à exigência do diploma, a do jurista Fábio Konder Comparato é a melhor fundamentada, e, por isso, tende a concordar com ela.

Em texto publicado pela Folha na última quarta-feira, o jurista diz que, "em tese, o exercício exclusivo de qualquer profissão só se justifica por razões de interesse público, nunca de interesse corporativo dos profissionais". Maria Victória, que também é membro da Comissão Justiça e Paz e pesquisadora do Cedec (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea), disse, porém, que "a polêmica acaba atendendo às empresas" jornalísticas, concordando, também neste aspecto, com Comparato.

Já o físico Mário Schemberg, 71, disse que considera a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista "um exagero": "Se a pessoa tem o dom, se entende do assunto, não vejo por que deveria ser impedida de escrever apenas porque não tem o diploma. Seria como impedir uma pessoa que pinta bem de pintar, apenas porque ela não tem o diploma de uma escola de Pintura".